

VÓRTICE FILMES

ENTREVISTADOS:	Ramon Meirelles da Silva (Gaff) Vitor Felipe Fenich Bezerra de Oliveira
Localização da atividade:	Itaim Paulista
Área de Atuação:	Audiovisual
Data da entrevista:	21/08/2020
Entrevistadores:	Fernando Filho, Allan Cunha e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

A Vórtice surgiu no começo de 2018 com um trabalho de união entre vídeo, músicas e amigos. Com uma câmera emprestada, uma música e uma ideia na cabeça eles realizaram o primeiro projeto, e desde então não pararam mais. Foram fazendo mais e mais projetos e depois de muito trabalho, surgiu o primeiro videoclipe remunerado do grupo e o audiovisual se tornou a profissão desses jovens artistas. Agora dedicam o tempo integral em melhorar como profissionais e adquirir novos equipamentos para elevar o nível das produções.

ENTREVISTADO:

RAMON MEIRELLES

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Ramon Meirelles: Meu nome é Ramon. Ramon Meireles, mas o pessoal me chama de Gaff. Tenho 23 anos. Atualmente eu tô cursando a profissão audiovisual na FMU e comecei essa parada faz dois anos, tá ligado. Aqui tipo aqui no Itaim Paulista mesmo. Foi um projeto de bairro mesmo, tá ligado. Nós já se conhecia, já tinha muito contato com vários artistas, tá ligado, da cena. E era meio que uma necessidade, tá ligado. Tipo num tinha nenhum contato com uma produtora ou num tinha contato com nenhuma produção e a gente acaba sentindo essa necessidade, tá ligado, tipo de mostrar isso de alguma forma, né. Aí que surgiu a ideia, tipo eu... eu comecei totalmente independente mesmo, tá ligado. Tipo estudando sozinho mesmo no YouTube. Acabei fazendo um lyric vídeo, fiz um clipe. E tipo aí o bagulho foi começando a andar daí, tá ligado? Foi cada vez progredindo mais até que o Vitor veio com a ideia da gente montar um coletivo, de organizar a parada para fluir de um jeito melhor, e aí que surgiu há dois anos a Vórtice Filmes, tá ligado?

Fernando CPDOC Guaianás: Conta um pouco aí da trajetória do coletivo, a história, como ele surgiu...

Renata CPDOC Guaianás: Que ano (surgiu o coletivo)?

Ramon Meirelles: Mano, a parada veio bem no final ali de 2017 para 2018, mais ou menos ali, né. Tipo... essa parte, assim, do final do ano ali a gente tinha a ideia, mas a gente não tinha, tipo, mais ou menos como a gente vai começar, como vai fazer para iniciar pra... como que a gente vai se inserir, né, no mercado. Aí, tipo, tinha e uns amigos nossos tinha uma música que a gente curtiu, tá ligado. A gente ficou interessado em fazer uma... um visual e foi o primeiro trabalho que a gente fez assim. Foi um Lyric vídeo, tá ligado. É *Vilão da Trama* o nome, tá no YouTube. Aí a gente foi, falou “Ó, a gente vai fazer esse Lyric vídeo”, tipo foi de graça mesmo assim. A gente só pegou a música, ficamos uns seis dias tramando em cima dela, eu e o Vitor. A gente foi fazendo essa identidade visual e o Lyric vídeo. Nesse meio tempo ele estudando como que fazia e pá, aí que surgiu o primeiro Lyric vídeo. Aí a gente jogou pra internet. Aí depois desse Lyric vídeo, já meio que foi o start para a parada andar sozinha. Então tipo depois que a gente lançou esse, aí já foi surgindo, tá ligado. Tipo “Caraio, aquele vídeo que vocês fizeram ficou dahora, mano. Tipo como que cês faz, mano? Como que funciona? Quanto que cês cobra?” e aí foi surgindo um trabalho ali, um trabalho aqui e aí a gente, né, foi num portfólio para apresentar melhor, tá ligado?

Fernando CPDOC Guaianás: E começou só com vocês dois ou tinha mais pessoas?

Ramon Meirelles: Não. Começou só com a gente mesmo.

Fernando CPDOC Guaianás: Só vocês dois.

Ramon Meirelles: Eu era mais envolvido com música mesmo, tá ligado? Então tipo, eu tinha contatos com vários grupos da... não só da região, mas, tipo, de várias outras quebradas assim, tá ligado? Tipo eu sempre tava envolvido em evento, e eu tenho meu grupo, então a gente sempre tava fazendo shows, meu grupo é uma [*Ferredi*]. Então tipo a gente querendo ou não acabou numa trajetória. Quando a gente começou a Vórtice, tipo em 2017, e eu já tava nas caminhadas tipo de música já fazia um tempo, então desde ali o final de 2012 para 2013. Tipo, eu era bem novinho e a gente já começou a fazer um som, tá ligado, e já começou se apresentar. Batalha tipo era bastante, então, tipo, comecei a acumular vários contatos, quando a gente veio com a Vórtice a gente tinha um networking de... na área da música, já tinha uma galerinha que eu já conhecia e quando a gente veio para essa parada, assim, com essa ideia de vir com essa ideia de produção audiovisual, aí já tinha mais ou menos uma galera pra quem a gente falar. Ô,

tô fazendo essa parada, tô fazendo um clipe, tô fazendo Lyric vídeo, tá ligado? Se você se interessar... meio que pra quem venderia a ideia mais ou menos, tá ligado?

Pessoa: O coletivo começou com duas pessoas, certo? Hoje atualmente ele tem quantas pessoas? Como é que...

Ramon Meirelles: Ah, mano... basicamente, ainda é só nós dois, mas a gente acabou envolvendo mais algumas pessoas que ajudam, tá ligado? Tem um artista que tá trabalhando com a gente nesses últimos tempos, que é o Marcos, tá ligado, que faz tipo grafite e trabalha bastante com colagem, com serigrafia... e tipo ele se envolveu nesses últimos tempos, mas na área do audiovisual mesmo, na produção, geralmente é nós dois. A gente faz tudo mesmo, tipo filmagem, edição, direção e a gente vai trabalhando junto.

Fernando CPDOC Guaianás: Você diz que sua formação é audiovisual, né? E a formação do Vitor e dos outros integrantes em geral? Como é que são? É do audiovisual? É de outras formações?

Ramon Meirelles: Então, mano, quando... quando veio a ideia, tipo eu comecei no audiovisual assim meio que pela necessidade. Ainda não tinha surgido a ideia de ter um coletivo e eu, mesmo assim, por mim não tinha uma ideia de ter uma produtora ou de fazer isso profissionalmente, de levar isso pra mim, nem tinha que buscar uma formação, tá ligado? Tipo meio que eu tinha o grupo, a gente tinha várias músicas e não tinha nenhuma forma de apresentar as músicas, tá ligado? Tipo a gente fazia ali no Photoshop uma thumbnail rapidão, colava a música em cima e aí jogava no YouTube, e aí não tinha um Lyric vídeo, um clipe, um baguio assim. Então tipo eu fui e comecei a pesquisar para gente tentar criar alguma coisa ali pra apresentar o trabalho de uma maneira tipo que daria para entreter mais o público, tá ligado? Então tipo mais umas duas produções que eu fiz, duas primeiras bem basicão, foi meio que nessa ideia, tá ligado? O Vitor ele já tava cursando faculdade e tava fazendo publicidade, então ele já tinha um embasamento maior da área, tá ligado? E eu tipo comecei agora na produção audiovisual, bastante pelo incentivo dele também, tipo porque agora a gente sabe o que a gente quer, o que a gente tem um conceito maior dessa ideia. Achei que era necessário, tá ligado? Meio que se fez necessário. Aí foi quando eu fui e tentei conseguir uma bolsa e acabei conseguindo e tô nessa parada agora.

Fernando CPDOC Guaianás: E o Vórtice? Por que ele tem esse nome? Como é que vocês chegaram nesse título?

Ramon Meirelles: Mano, essa ideia acho melhor deixar pro Vitor falar, porque essa foi uma ideia dele, tá ligado? Ele me passou a visão e na hora já falei “Mano, foda demais! Muito foda essa ideia mesmo”.

Renata CPDOC Guaianás: Conta pra gente uma história, alguma situação, um fato engraçado ou dificuldade que você percebeu, inclusive que vocês tiveram, o que vocês acham, alguma superação que vocês passaram por esse problema e a gente “putz, chegamo nesse ponto aqui e a gente viu, ó, melhorou, avançamo. Putz, acumulou isso e foi uma experiência importante ter passado por isso”.

Ramon Meirelles: Mano, acho que a maior dificuldade até hoje é a questão do suporte mesmo, tá ligado? Tipo quando a gente teve a ideia de começar, então tipo você imagina, né, uma produtora assim do nada, tipo nós não tinha nada de equipamento. Zero, tá ligado? Tinha a ideia, mas equipamento mesmo assim tipo não tinha nada. A gente, um parceiro tinha uma câmera, não tava usando com frequência e pegamos com ele e lançamo o notebook que suportava ali o programa pra gente editar um bagulho mais dahora e tipo aí no primeiro trabalho, a partir do primeiro trabalho, já surgiu essa dificuldade, tá ligado? “Mano, a gente tem que correr atrás de um equipamento melhor, de ter nosso próprio equipamento, porque a gente vai ficar dependendo do equipamento dos outros, o bafuio é complicado”. Aí demorou uma cota,

Vitor Fenich: Demorô né...

Ramon Meirelles: Aí a gente acabou conseguindo comprar uma câmera e tipo agora a gente já tá com um suporte um pouco melhor, tá ligado? Ainda é uma dificuldade, não é uma coisa que tem o melhor suporte mas em comparação ao começo, tipo, tá bem melhor. A gente já tem uma câmera, já tem uma iluminação, então, tipo, tá profissionalizando cada vez mais, tá ligado? Mas, mano, de longe a maior dificuldade não só pra gente, mas pra qualquer pessoa que vai começar assim nessa área, ainda mais no audiovisual em específico porque é uma área que é muito cara, tá ligado? Qualquer coisa que você vai fazer, qualquer ideia que surgiu ali, o investimento que você precisa pra concretizar é, tipo, alto. Então acho que é a maior dificuldade, tá ligado?

Renata CPDOC Guaianás: E você acha que ser, estar na periferia, produzir isso de maneira é... nas condições que tem, é pior?

Ramon Meirelles: Ah, mano... na verdade, acho que tipo como a gente foi, fez tudo de uma forma bem independente e tipo tudo dependia de nós desde o começo, então tipo morar assim na periferia acho que num é em si um ponto que ah, tipo, eu não vou conseguir fazer porque eu moro aqui. Nunca foi, mas... é... querendo ou não, eu acho que o networking assim é menor, tá

ligado? Tipo, se você tá num meio que o pessoal é mais isso, se tá por exemplo no centro, se tá numa área que é mais... tipo mais sabe tipo que tem mais...

Vitor Fenich: Nobre

Ramon Meirelles: Tipo uma área mais nobre acho que você tem um networking bem maior pra vender seu trabalho, tá ligado? Tipo, querendo ou não, a gente vai trabalhar com artistas locais, que tá fazendo uma parada de maneira independente da mesma forma que a gente, tá ligado? Então não tem como a gente meter um KondZilla e meter um orçamento “Ah, esse clipe aí vai ficar 10k”, tá ligado? Não tem como porque o cara é independente da mesma forma que a gente e pra gente conseguir o que a gente quer, a gente só tem que explorar de uma forma que seja vantajoso, tipo, pro nosso público, né? Pro nosso público-alvo e pros nossos clientes, de uma maneira que... pra gente também construir o que a gente quer, com o que a gente tem, né? Tipo, sem se limitar, tá ligado? Tipo dessa forma.

Fernando CPDOC Guaianás: Você falou que vocês chegavam assim nesse público. Como que vocês acessam, a galera... como que é esse contato? Como que é essa possibilidade? Como que é que vocês chegam e conversam com eles? Fala um pouquinho dessa relação aí. Como que é que vocês chegam nos grupos da periferia? É só daqui do Itaim Paulista ou é de outros territórios ou tanto faz?

Ramon Meirelles: Mano, a gente

Fernando CPDOC Guaianás: Se quiser até citar algum outro processo também...

Ramon Meirelles: A gente conhece... tipo a gente conhece a galera da música mesmo, assim, pelo contato que tinha, como a gente tá trabalhando nesse meio, a gente consome bastante, tá ligado? Então, tipo, acaba chegando na gente. Às vezes um amigo ou outro que indica ou já viu nosso videoclipe, tipo “eu fiz o videoclipe de tal pessoa ali” e essa pessoa já tem alguns amigos que também produz, tá ligado? E, querendo ou não, mano, tipo no nosso meio não têm muitas produtoras pro cara falar “ah, vou estudar qual produtora que vou fazer o meu videoclipe”, então tipo é oito ou oitenta, né? Ou o cara vai fazer numa produtora pequenininha ali, que é eu e minha câmera e fé, tá ligado? Tipo, se ele vai pegar o orçamento ali de uma produtora grande, é inviável, tá ligado? Não tem como. Então, tipo, mais ou menos dessa forma. Os cara geralmente chega na gente e fala: “Ow, tem essa música aqui e tem esse back. Dá pra fazer um clipe de tal maneira”. E aí gente vem com o nosso contraponto, né? Tipo, às vezes não tem como a gente fazer exatamente da maneira que o artista quer, né? Tipo, às vezes, por várias barreiras, a barreira de equipamento, estrutural, é orçamento... então, tipo, a gente tenta pegar ali com que a gente tem e chegar com essa ideia e aí entregar ali tipo o mais perto do que ele

quer e do que a gente tem, tá ligado? E é basicamente isso. A gente escuta a música, conversa com o artista, vê basicamente qual que é a ideia, vê qual é a referência, o que o artista curte, tá ligado? E aí, com base no que ele curte, em qual a ideia dele da parada, a gente também busca meio que no nosso acervo pessoal, nossas referências e daí que surge mesmo, tá ligado? Daí que vai se materializando o quadro.

Fernando CPDOC Guaianás: Você falou das referências, assim... primeiro uma pergunta, assim: vocês têm... qual tipo de linguagem vocês privilegiam nesses clipes? É só sobre clipes musicais ou trabalham com outras... sei lá, direção de performance, ou até de teatro ou de um curta ou é só voltado para clipes musicais?

Ramon Meirelles: Mano, até hoje assim, tipo, a nossa parada foi mais clipes musicais, apesar da gente já ter feito institucional. Já surgiu a oportunidade da gente trabalhar com institucional também, mas eu acho que o carro-chefe mesmo ali é o musical, tá ligado? E eu não sei bem te dizer se é porque a gente produz mais só esse meio, tipo, do rap, hip-hop, trap, tá ligado, que é mais solto, mais underground e acaba vindo mais isso pra gente, tá ligado, apesar de vir outras coisas também. Não só isso. A gente também teve a oportunidade também de trabalhar com outras coisas, mas a experiência maior é essa, tá ligado? Um trap, um rap, e acho que é o que mais acaba chegando na gente, né, mano. Acho que um reflexo também do próprio trabalho, porque, tipo, é o que a gente mais consome e o que a gente mais produz, então consequentemente é o que acaba chegando mais na gente, tá ligado?

Fernando CPDOC Guaianás: E as referências? Essas referências do Ramon e as referências do coletivo, assim, são parecidas? Quais são?

Ramon Meirelles: Ah, mano... como a gente tá, tipo, bastante tempo junto, a gente acaba construindo muitas coisas em comum, tá ligado? Apesar de ter, no pessoal mesmo, ter algumas coisas que é diferente, mas eu busco minhas referências, creio que nos mesmos lugares, tá ligado?

Fernando CPDOC Guaianás: Exemplos

Ramon Meirelles: Se a gente for falar de artista assim, mano, acho que eu acabo consumindo bastante mais gringo, tá ligado? Então tipo acabo ouvindo bastante Travis Scott, ASAP Rocky, ASAP Flooring, tá ligado? Nessa parada assim do audiovisual, mano, acho que um mano que a gente sempre acompanha bastante é o Marcos Novak. A gente tipo sempre traz uma forma de explicar, tipo, as produções de uma maneira que a gente consegue entender, querendo ou não, tá ligado, por mais que tenha uma barreira ali, que é inglês. Tipo, não tem uma legenda específica, mas só de a gente olhar ali, de acordo com a interface do programa, a gente entende

um pouquinho ali, e eu consigo tirar bastante disso daí, entendeu? Absorver, tipo, consumir e tirar bastante coisa disso. Minha referência pessoal é mais ou menos essa, tá ligado? Tipo, as referências dos cliques mesmo, mano. Tipo, todo clipe que você assiste, eu acho que, mano, no geral depois que você começa a trabalhar com audiovisual, meio que cê tem um gatilho mental. Sua visão muda, tá ligado? Toda vez que você vai assistir uma série, um filme, um clipe, você olha de uma maneira diferente. Tipo, você não consome mais a história, você consome tudo, tá ligado? Você já pensa no geral. “Caralho, esse roteiro tá foda”, “caralho, essa produção aqui desenrolaram dahora”, “como será que ele fez essa cena?” e é esse tipo de coisa que eu acabo pensando. Mudou bastante, tipo, antes de eu consumir audiovisual eu não pensava nesse tipo de coisa, tipo prestava mais atenção ali na história e muita coisa passava despercebida, né? Hoje em dia a gente atenta mais os detalhes, tipo, pelo menos eu e o meu pessoal assim toda vez que eu escuto alguma coisa já tô pensando “caralho, como que eles pensaram nisso aqui?”. Tipo, mudou bastante.

Fernando CPDOC Guaianás: E o do coletivo? Vocês se referenciam nessas mesmas coisas?

Ramon Meirelles: Ah, mano... a gente compartilha, tá ligado. Tipo a gente sempre tá compartilhando tudo, mano. Toda vez que eu vejo alguma coisa que eu acho interessante, eu já mando para ele. Quando ele vê alguma coisa que é dahora, que é interessante, ele me manda e a gente fica nisso. Sempre trocando, tá ligado? E antenado, mano. A gente surge de novo ali, a gente tá sempre de olho, tá ligado?

Allan CPDOC Guaianás: Vocês começaram em 2017 né? E vocês produziram mais no ano passado, de 2019, ou do que nesse ano? De repente falar isso, desse crescimento, dessa procura de vocês e como isso que aconteceu e se deu nesse pós-pandemia, falar das produções e pegar esses caminhos.

Fernando CPDOC Guaianás: É quantas produções vocês já fizeram e como que é, mais ou menos assim? A galera chega ou vocês... [geralmente] quantos assim? É um por semana, um por mês, é por semestre? Qual é a rotina de trabalho que vocês pegam?

Ramon Meirelles: Ah, mano... nunca parei para fazer uma média, tipo, num cheguei a contar quantos nós fizemos, tipo, num total assim. Mas fazer um cronograma assim mais ou menos. Tipo a gente começou mais ou menos no meio de 2017 pro final do ano. Nesse ano a gente fez no máximo umas duas produções e a gente começou 2018. 2018 a gente já veio com essa parada em mente de ir pra cima, tá ligado? E aí, em 2018 já foi surgindo bem mais produções e a gente foi conseguindo. Primeira barreira que a gente tinha de vender a ideia, porque não tinha um portfólio muito grande. Então, quando tipo a gente falava, “olha a gente tá produzindo”, às

vezes muita gente chegava “Não, pow, legal!”, mas ficava só na ideia, a gente não tinha muito o que apresentar e acabava ficando nessa ideia mas aí a gente foi conseguindo tipo pegar alguns trabalhos para fazer e assim e foi montando portfólio, e aí basicamente cada trabalho que a gente faz gera um novo networking que acaba gerando um novo trabalho conseqüentemente, tá ligado? Então basicamente foi assim que foi rolando e geralmente os artistas que geralmente dá um salve mesmo, tá ligado? Às vezes, tipo, vai bastante do artista, né, mano? O primeiro roteiro surge da cabeça do artista, então quando ele grava, aí ele já pensa: “Ah, mano, vamos fazer o clipe”. Querendo ou não, depois que a gente começou a ter um portfólio legal a gente começou a jogar, a gente começou a fomentar a cena de alguma forma. O pessoal, eu creio que muita gente da região e assim e dos coletivos e dos grupos que acompanha acaba que já pensando já na gente, tá ligado? Toda vez que faz uma música já dahora, assim já pensa em fazer um clipe e já pensa em chamar a gente porque meio que é o acesso mais fácil, tá ligado? Então tipo acaba chegando na gente com a ideia e a gente vai desenvolvendo a ideia junto e tenta jogar ali pro final pra fazer ali rolar e a gente então basicamente isso. E esse ano depois da pandemia deu uma queda brusca no fluxo de trabalho, tipo, do ano passado pra esse ano, que a gente tava numa agenda bem melhor, tá ligado? Tava rolando mais coisa. Depois que entrou nesse ano com essa parada da pandemia, aí deu uma caída no trabalho e aí basicamente isso entendeu e eu comecei a trabalhar e buscar uma renda em outras áreas para não deixar isso breçar os trabalhos, então tipo tentar levantar a grana de uma forma pra continuar investindo na parada, tá ligado, enquanto a gente não pode, digamos que, trabalhar de uma forma mais agressiva nessa área pra tentar levantar uma grana pra investir para comprar mais equipamento para quando a gente voltar, a gente voltar com um suporte melhor, tá ligado? Voltar tipo de uma maneira que dá uma renovada na cara do trabalho, tá ligado? Mudar a identidade mesmo, tá ligado?

Renata CPDOC Guaianás: Que impacto esse trabalho tem na sua vida, na sua família? E de que maneira você acha que isso atinge a comunidade, o bairro, o território?

Ramon Meirelles: Esse trabalho, tipo, da Vórtice?

Renata CPDOC Guaianás: Isso

Ramon Meirelles: Minha família teve um impacto legal, assim, mais pelo incentivo que eu acabei tendo...tendo, porque, tipo assim, até esse momento eu não tinha uma perspectiva exatamente exata do que fazer, tá ligado? Meio que, como a maioria dos jovens, a gente, tá, meio que “Ah, terminei a escola e a gente tá meio à deriva”. Não sei muito bem o que fazia, não sei muito que faculdade quero fazer, que o que vou ser da minha vida, tá ligado? Não tinha essa visão. Esse trabalho foi o que colocou meio que uma estrada para seguir, mano. Isso que

eu curto, eu gosto de fazer isso, eu vou buscar isso, tá ligado? Então, tipo, depois que comecei a trabalhar nessa área, também eles acompanham quando eu lanço clipe, quando a gente lança alguma produção, eu sempre mostro, tá ligado? Então, tipo, eles curte ver. Às vezes nem entendem como que a gente fez. A mesma pergunta que nós tem, na maioria das vezes, quando a gente vê um clipe de algum artista grande, tá ligado, de como que eles fizeram, eles também têm a mesma dúvida, tá ligado? “Vocês que fizeram mesmo? Vocês que editaram?”. Aí isso acaba surgindo, tá ligado, e depois comecei a fazer faculdade, então, tipo, querendo ou não, o bafuio foi meio que natural, meio que comecei trabalhando para depois ter o progresso que foi vindo, tá ligado? E o pessoal apoia, tipo é interessante.

Fernando CPDOC Guaianás: Você falou da comunidade assim, vocês têm parceiros fixos que ajudam no trampo de vocês ou aqui também? Vocês dialogam com outros coletivos? Vocês têm coletivo de referência nessa área que vocês estão fazendo aqui na região ou em outras regiões?

Ramon Meirelles: Mano, a gente nunca trabalhou diretamente com outra produtora ou com outro coletivo, tá ligado, mas tem artistas que, tipo, colaboraram bastante, tá ligado, principalmente com portfólio, assim, tipo esses artistas no começo, do pessoal do Hat Trick foi o primeiro trabalho que a gente falou, assim, “mano, dá essa música pra gente, deixa a gente trabalhar nela”. Aí eles: “Falô! Demorô, mano! Tamo aí!”. Aí a gente foi e fez o Lyric vídeo. Foi o primeiro portfólio e, depois, quando a gente começou a estruturar melhor o trabalho, quando a gente colocou um valor pra levantar uma grana na primeira produção, eles também fecharam com a gente, tá ligado? Então desde o começo a gente já produziu muita coisa deles e outros artistas também, foi surgindo da mesma forma e a gente foi produzindo a primeira ali meio que “Ah, mano, não tem um portfólio. Me dá uma música sua que vou fazer um trabalho” e você me dá esse trabalho, aí assina esse portfólio com esse lance com esse trabalho que eu fiz pra você, acabo conseguindo um trabalho que vai me gerar uma remuneração, tá ligado? Então basicamente foi isso que aconteceu. A gente fez ali um trabalho ali de graça, esse trabalho que a gente fez, um outro mano ali viu, se interessou e já tava disposto a pagar por esse trabalho, tá ligado? E aí basicamente isso foi acontecendo, tá ligado? E os próprios que a gente trocou aquele rolo no começo depois que a gente tava com uma estrutura melhor, eles retornaram para poder investir melhor pra poder fazer outra produção, tá ligado? É basicamente isso, mano. E creio que vai vim mais produção deles que a gente mantém um contato direto, tá ligado? Que eles vão. É que nem eu falei, mano, ou a gente se vira, por não ter muitas produtoras e não ser muito fácil acesso a esse meio, então quando pensa em identidade visual, vai fazer um

videoclipe, vai fazer uma thumbnail, um Lyric vídeo, tá ligado, qualquer coisa do tipo. Eu acho que a gente acaba virando uma referência porque a gente tá ali e é tipo fácil acesso, tá ligado? Até em como vai fazer, o quanto vai cobrar, ou quando ou se é possível fazer nesse jeito, ou se é possível fazer igual esse clipe aqui, ó. Então a gente troca uma ideia e vai construindo ali, tá ligado, até acabar rolando. Às vezes não rola, outras vez acaba rolando. Basicamente é assim que acontece, tá ligado?

Fernando CPDOC Guaianás: É... falando assim, se rola assim... situações engraçadas?

Ramon Meirelles: Ah, mano... os bastidores é sempre engraçado, né? Acontece, assim, bastante coisa mano. Muito difícil pensar assim em uma situação específico, tá ligado? Mas, mano, o que já teve de perrengue da gente marcar dois meses antes e a gente tá ali na pré-produção, tá levantando a ideia, o roteiro... puxa, chega ali na hora da gravação, o cara da locação: “Pô, não vai dar mais pra gravar aqui em casa, tá ligado?”, e aí a gente vai na correria de achar outra casa pra grava

Vitor Fenich: Fala do clipe do F do Hat Trick

É, mano, no clipe do F do Hat Trick *Nenhuma bala*, durante a gravação, a gente, ele conseguiu lá um pessoal, que colou de moto e pá, e a gente tava gravando e tava sentado em cima da moto e aí no calor do momento, durante da gravação, caiu a moto em cima de m... de geral e aí a gente até separou. Esse clipe tá lá no YouTube *Nenhuma Bala* e aí a gente deixou o trecho no final, porque não teve como, inesperado completamente, tá ligado? A gente tava ali gravando do nada, tombou a moto do nada, caiu todo mundo e acontece, mano, tá ligado? É ossos do ofício. Cada gravação acaba acontecendo esse tipo de situação né, mano. Mas de perrengue, mano... perrengue a gente já passou bastante, mano, de principalmente assim, com câmera... esse clipe aí, tipo, a gente não tinha nosso equipamento próprio, então o equipamento era sempre emprestado até a manhã do clipe, assim... não tinha equipamento, tá ligado? Não tinha câmera, então, tipo, a gente tava correndo atrás da parada, mas deu tudo certo no final e é isso aí, tá ligado?

ENTREVISTADO:

VITOR FENICH

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Vitor Fenich: Salve! Eu sou o Vitor Fenich, da Vórtice Filmes. Sou aqui do Itaim Paulista, nascido e criado aqui e eu que tive essa ideia aí de criar a Vórtice Filmes, primeiramente era pra ter sido uma marca de roupas, tem até a tela aqui com o nome Vortex. Aí de tanto ver as músicas dos meus amigos, aí, tipo, tava fazendo muita música e o caramba, essas músicas é foda, mano, e precisa de uma visibilidade melhor e me interessei pelo audiovisual. Câmera emprestada e uma ideia na mente, fomos fazer o clipe, daí surgiu. Depois disso aí fomos fazendo mais e mais e daí que veio a Vórtice e se tornou a Vórtice Filmes e tamos até hoje aí.

Renata CPDOC Guaianás: E o Vórtice significa o quê?

Vitor Fenich: Ah, o vórtice foi uma ideia de que... tava nessa ideia, assim, de que, tipo, se só precisa de um start que depois tudo vai se encaminhando, que o vórtice ele é um giro que nunca para, né? Um giro vai dando um giro pro outro, né? Aí eu tive essa ideia, tive essa ideia de que tipo que cada vez que eu fazia uma coisa e que ia surgindo um contato novo e aí alguma ideia nova que ia dando mais embasamento naquilo e o vórtice é isso... é tipo essa ideia, que dá o start, que as coisas vão dando certo no decorrer daquilo, tá ligado?

Fernando CPDOC Guaianás: E surgiu mais ou menos quando a ideia assim?

Vitor Fenich: Surgiu ali mais ou menos no fim de 2017. Foi no fim de 17. Primeiramente era só eu e a marca, e aí depois entrei nessa brisa aí do audiovisual e tamo indo.

Fernando CPDOC Guaianás: E cê trampava com o quê? Qual foi sua passagem para o audiovisual? Se já trabalhava com audiovisual ou já cantava ou encenava? Como que era isso ou foi?

Renata CPDOC Guaianás: Ou já tinha uma vontade desde criança, quando surgiu essa vontade?

Vitor Fenich: Ah, então... eu trabalhava em um emprego, nove às cinco, normal. Aí teve um corte lá, eu fui demitido. Aí, com esse din... ai eu já tava querendo, queria trabalhar pra mim mesmo e tal. Aí, tipo, eu fazia faculdade de publicidade, né? Aí lá na faculdade de publicidade eu tive um contato com audiovisual, mas é bem por cima que tem e tal. Aí eles nem deixavam mexer na câmera e tal. Aí eu fiquei com bastante curiosidade de ver, fazer, eu por eu mesmo, né? Aí eu conheci o Talles. O Talles fortaleceu muito, aí emprestava a câmera pra nós. Aí

começamos a fazer isso aí. Aí fui nesse emprego aí eu saí, comprei o notebook, aí investi tudo nisso aí e tô investindo nisso até hoje, né?

Fernando CPDOC Guaianás: O Talles é quem?

Vitor Fenich: O Talles é um amigo nosso, que ele é fotógrafo. Aí ele fortaleceu muito, porque, tipo assim, a gente ficou quase um ano sem câmera. A gente trampava assim e a gente não tinha câmera. A gente pegava a câmera emprestada com ele e fortaleceu pra caramba a gente, e foi isso aí.

Fernando CPDOC Guaianás: Então no começo do Vórtice você se juntou com o Ramon. Mas como foi o processo de construção do coletivo mesmo? Foi a primeira vez, foi a primeira ideia? Como que foi as primeiras pessoas?

Vitor Fenich: Então, o Gaffã mesmo já tinha feito um clipe prum amigo nosso, bem caseirão mesmo. Colo lá no centro, ele gravou um clipe, aí ele era o único que eu conhecia, assim, que tinha esse interesse em comum, né, aí eu surgiu com a ideia pra ele. “Mano, ia ser dahora se tivesse um clipe desse som aqui, né?”. Aí ele falou “Vamo fazê, vamo fazê”, né? Tipo, sempre abraçou as ideia loca, assim e vamo tentar. A gente tentou, colou ali no parque, gravou o clipe e daí que surgiu outros. Aí o primeiro clipe nem surgiu, que a gente nem sabia editar nem nada. Só gravou por diversão e tal. Aí nós se juntou de novo, aí eu fiquei aprendendo em casa, comprei o notebook e fiquei aprendendo no tutorial, num fiz nenhum curso de audiovisual. Tipo, fiz publicidade, sou formado e tal, mas bem por cima que peguei lá. Não teve muito e foi isso.

Fernando CPDOC Guaianás: Fala dos seus momentos, das dificuldades.

Vitor Fenich: Então, a maior dificuldade é a falta de equipamento mesmo. Tipo Vórtice é um notebook mesmo. Tipo, a gente... só eu tenho um notebook, então a gente trabalha os dois no mesmo notebook. Tipo eu ficava editando de manhã e ele chegava e editava até a noite. Tinha dia que virava a noite editando e tal. Aí não tinha câmera nem nada e tal. Uma produtora audiovisual sem câmera... é osso, né? A gente pegava muita coisa emprestada assim, né, aí teve umas vezes que não teve como fortalecer com a câmera dele, aí nós fez mó corre, aí conseguiu pegar outra, assim, tudo emprestado. Aí foi fazendo os trampos e conseguimos adquirir nosso equipamento agora, e não faz nem tanto tempo assim. Vai fazer um ano agora e já tem dois anos de coletivo aí. A maior dificuldade é essa mesmo: foi a falta de câmera, equipamento, iluminação, que tudo no audiovisual é tudo muito caro e os orçamentos que a gente pega não é tão alto também. Então, é sempre muita correria para fazer as coisas.

Fernando CPDOC Guaianás: Aí vocês têm... vocês tem, assim, um público, um produto, que tem preferência fazer... clipes, produção de comerciais ou é eventos? Como é que vocês têm de prioridade?

Renata CPDOC Guaianás: E a quem se direciona, atinge mais quem esse público?

Vitor Fenich: É mais o underground e o trap, aqui na zona leste, principalmente no Itaim Paulista, tem bastante artista underground, então a gente pega mais esse público, porque o público grande de produtora e tal ele vai e faz com as produtoras lá, que é muito mais caro. Tipo a gente é uma alternativa pra quem tá começando agora e que os preços são reduzidos também e que, tipo, o pessoal pode pagar e o que também a gente pode tá cobrando também. Se aqui no Itaim Paulista a gente fosse cobrar bastante, assim a gente ia fazer um trampo a cada três meses, então não compensa pra nós, mas o público-alvo mesmo é o underground do hip hop. Fazemos outras coisas também, mas o que a gente dá o foco é isso, mas consequentemente também acaba vindo mais esses tramos também.

Fernando CPDOC Guaianás: Durante o processo do grupo vocês produziram mais videoclipes, certo?

Vitor Fenich: Certo!

Fernando CPDOC Guaianás: Como é que foi o reconhecimento desses videoclipes? Como é que eles chegaram para o público? Vocês mesmos visibilizam eles? Como que fizeram esse processo? Como que eles chegam para o pessoal? Qual o objetivo de vocês com relação a esse material também? É só produzir ou vocês têm outros?

Vitor Fenich: Ah, a divulgação a gente ajuda a ele a divulgar também e, como vai passando assim, é mais boca a boca mesmo. A gente conheceu quase mais que 100% dos nossos clientes assim. A gente conhece e alguém fala tipo que todo mundo se ajuda, um produz na casa do outro ou faz num sei o que na casa do outro, aí vai falando “O que você fez esse clipe?” e tal. Aí os cara ali, aí a gente vai e é bem boca a boca mesmo. Tem bastante coletivo de rap e tal, aí um do grupo faz um clipe e tal, aí o outro já se interessa também e... é isso aí. [risos]

Renata CPDOC Guaianás: Em termos estéticos, o trabalho de vocês que vocês produzem, vocês se referenciam em quem assim, a concepção, na forma de decupar, de fazer edição, esses processos... é... concepção estética, na forma de fazer a montagem dos vídeos, os elementos que vocês colocam, luz, formato de captação... vocês têm alguém de referência? Assim, alguns teóricos...

Fernando CPDOC Guaianás: Outros artistas...

Vitor Fenich: Ah, eu me inspiro bastante na Asap Mob. Tem a [*Algy lac*] lá que eles têm uma agência grande, que são uma agência criativa de vários produtores de audiovisual, sempre que eu via antes mesmo de se interessar pelo...

Renata CPDOC Guaianás: Fala da Asap Mob, eu que não sou da área não sei [risos]

Vitor Fenich: Então, o que eu mais me inspiro é a Asap Mob. A Asap Mob é um coletivo lá de Nova Iorque que conta com vários rappers, e não tem só rappers no coletivo. Tem vários caras do audiovisual, fotógrafo e tal, e eu sempre me inspirei nos efeitos, olhava e tal. E olhava os vídeos e falava “Caramba, como que os caras fez isso?”. Eu fiz, fui atrás de correr atrás pra saber os efeitos, como era que fazia. Me inspirei bastante neles e no Cole Bennett também. O Cole Bennett é o cara que acho mais foda no audiovisual, ele faz bastante clipe lá, tem o próprio canal dele, o Lyrical Lemonade, eu me inspiro bastante nele. Acho da ora a estética e é basicamente isso. Max Novak também. Início da Vórtice foi muito Max Novak. Ele também, porque ele lança bastante tutorial, a gente nunca fez. Gaffã também fez faculdade de audiovisual, mas no começo a gente só YouTube, YouTube, YouTube. Tipo, via uma coisa e tentava ali na hora mesmo. Foi bem na raça, as três principais referências é essas: Asap Mob, Cole Bennett e Max Novak.

Renata CPDOC Guaianás: E os trabalhos que vocês produziram? Quais que vocês acham que são os mais importantes e um que você acha que esse marcou pra vocês, o que foi um marco ou de transformação ou de mudança da concepção...

Vitor Fenich: Ah, o que eu mais acho... foi o primeiro, né? Que eu acho que foi uma das mais fudas até hoje, que é o “Vilão da Trama”, que é um Lyric vídeo. Foi o primeiro, não sabia nada de After Effects. Eu não sabia nada, eu fui aprendendo na hora. “Solta ai pra nós, vamo fazendo”. Aí ele, o Gaffã, foi me ensinando, aí que nós foi aprendendo junto e aí a gente foi aplicando naquilo. Esse foi o primeiro Lyric vídeo, mas de clipe o que mais revolucionou mesmo foi o “Toma”, que foi o que primeiro que a gente pegou pra editar bastante assim, e colocou em prática todos os efeitos que a gente tinha na mente e, assim, e vamos fazer isso. Ficamos trancados uma semana no meu quarto, só editando, editando, editando... e aí foi que eu falei, mano: “vamo investir nisso, que a gente tá bom pra caramba”. E todo mundo da quebrada deu um salve, “Nossa, mano... ficou foda, tá gringo o trampo, continua nessa”, que a gente tinha dado uma desanimada nessa parte importante da Vórtice também e que também nós entrou numa roubada numa empresa tá ligado. Num vô nem falar o nome dela. Enfim... aí. Entrei lá para fazer estampa, ele entrou para fazer uns vídeos, aí a gente entrou na enganação,

não recebeu nem nada, enfim aí a gente deu mó desanimada, parou com a Vórtice por conta disso e tal, fez os trampos pro cara e no fim não constou depois. Aí a gente tava desanimadão, contudo, sem grana, desempregado. Aí vamos fazer esse clipe. Aí depois que nós fez, “Mano, vamo investir nisso que tipo o bagulho tá profissional, se nós dá uma atenção nisso, pode virar”. E virou.

Fernando CPDOC Guaianás: Depois desse clipe então que vocês se superaram, se motivaram...

Vitor Fenich: Sim, sim... foi depois desse clipe que surgiu o pago, o primeiro videoclipe pago que a gente, uma semana depois o cara já, o irmão de um do clipe que tinha aparecido no clipe se interessou bastante e depois disso já contratou a gente e depois disso daí só foi a Vórtice, aí foi dando start na outra.

Allan CPDOC Guaianás: Deixa eu fazer uma pergunta, por quê o audiovisual?

Vitor Fenich: Por que o audiovisual... ah, porque eu sempre gostei de estética e tal. Eu nunca fui o cara da música. Todo mundo que eu ando, é o pessoal da música, minha vibe sempre foi uma estética, marca, essas coisas assim. Eu sempre gostei mais e era a falta que eu sentia aqui, tá ligado? Os caras muito bom de música, e eu queria dar uma estética própria pra isso, tá ligado? Não foi eu que escolhi o audiovisual, o audiovisual me escolheu. Tipo, eu já tentei várias carreiras, e não é um bagulho que eu vou falar “ahhh, eu desde criancinha eu gosto do audiovisual”. Já me interessava sim, eu gosto sim, mas pra achar o que eu gosto mesmo, eu tentei várias coisas: desenhista, criar marca, várias coisas e foi isso.

Renata CPDOC Guaianás: Conta pra gente um pouco da história da câmera? Que você falou das dificuldades... como é que é, o material que você utiliza. Você quer mostrar?

Allan CPDOC Guaianás: Essa aí é a câmera que vocês estão usando pra gravar?

Vitor Fenich: Não.

Allan CPDOC Guaianás: Essa câmera aí vocês compraram pra?

Vitor Fenich: Essa aqui é pra hobby. A gente vai usar nos clipes. É que eu gosto dessa estética dos anos 90 e eu quero trazer essa estética aí diferente, né. Aí mesmo com efeito e tal, aí nunca chegava na estética real do VHS. Aí comprei essa aqui e agora tô usando nas produções. Mas essa não é a câmera principal, não. Essa daí é só pra dar uma estética diferente.

Allan CPDOC Guaianás: Por que essa necessidade de usar uma estética diferente?

Vitor Fenich: Então, porque... não tem como combater com o mercado audiovisual, com esses caras do centro. Os caras sempre vai ter uma câmera melhor, um estabilizador melhor, iluminação melhor, produção de vinte mil prum clipe. Então se for para comparar com

qualidade assim de imagem, a gente nunca assim vai equiparar, porque é outro nível de produção. Aqui são só duas pessoas. Aí eu vi tipo na gringa os caras fazendo isso. Uns caras grande, tipo Drake, fazendo o clipe todo em VHS assim... Puta, mano, os cara às vezes vocês nem precisa de umas câmera muito monstra. Às vezes você precisa só dar sua identidade visual que fica mais dahora, até que fosse um puta take cinematográfico e tal. Aí eu acho mais dahora esse homemade, tá ligado? Bem lo-fi. Esse estilo de produção é a nossa.

Fernando CPDOC Guaianás: Então... o que diferencia o coletivo de vocês com os do centro é essa produção, né? O que diferencia, assim, de identidade mesmo do Vórtice?

Vitor Fenich: Então, porque a gente fez com que a gente sempre tinha na mão, né? Até porque não tinha, porque a gente fazia com a câmera dos outros. Aí é isso, né mano? Tem gente que se não tiver certa lente, se não tiver certa câmera, se não tiver certo estabilizador, nem faz, prefere nem fazer. A gente vai lá, se tiver que gravar do celular, a gente vai lá e vai fazer, que é na edição que a gente dá nosso toque. Acho que é isso.

Allan CPDOC Guaianás: E como que é pra você fazer audiovisual na quebrada e vendo todas essas referências internacionais, essas referências de grandes produtoras e tal? O seu sentimento em relação a isso e ao caminho estético? Mas assim, você, como que você pensa isso, assim, fazer o audiovisual na quebrada?

Vitor Fenich: Ah, é muito difícil, porque mas ainda referência, tá ligado? Hoje em dia eu acho que a gente já é uma referência pra quebrada, tá ligado, porque antes da Vórtice os caras lançava um som só com arte, não dava atenção pra identidade visual deles mesmo. Depois da Vórtice os caras começou a fazer legenda nas músicas, tipo sem contratar nós, mesmo, por eles mesmo. Só por ver a qualidade do nosso trampo, vendo os amigo lançando, e deu uma atenção especial nisso, tá, começou a fazer clipe com o celular mesmo dos caras, tá ligado? E o maior desafio do audiovisual na quebrada acho que são as referências. A gente não tem. Então as únicas referências que a gente tem aqui é ser barbeiro, ser motoboy. A gente não vê alguém que trampa com audiovisual na quebrada. Eu fiz faculdade, Prouni e tal. Minha realidade era bem diferente da realidade do pessoal da minha sala. Tipo lá todo mundo tem referência. A minha amiga abriu uma empresa e tal. Tem um amigo que é fotógrafo de não sei quem, tem um amigo meu que trabalha numa produtora e tal. Sempre tem uns contatos maior e na quebrada aqui, tipo eu falo que fazia faculdade pruns parceiro meu e uns cara desacreditava, tá ligado? É outra realidade. Eu acho que o maior desafio do audiovisual é esse, é a questão de referência, que a gente não tem. Tipo vendo os cara da gringa lá, a gente tem uma ideia, assim, mas na hora que tem uma ideia e na hora que vai sair na rua, vai sair diferente. Então a gente é muito adaptação também.

A gente sai com uma ideia, um roteiro na cabeça, mas chegando na hora do local, a gente vai ter que adaptar tudo. Mas é aquilo, né? A gente faz com o que tem.

Fernando CPDOC Guaianás: E pra sua família, pra você, como que é sua relação com vocês, sua família, com o audiovisual, com vocês, com o trampo do coletivo, com os amigos, enfim...

Vitor Fenich: Então, minha família no começo achava que eu era..., tava brincando no quarto. Achava que eu não trabalhava. “Vai procurar um trabalho de verdade”, tipo. Mas depois que expliquei e tal e começou a ver que eu tava correndo atrás, super me apoiou, tipo, tá ligado? Começou a vir os trampos, aí sim, eles começaram a levar a sério e tal. E muita gente ainda acha que o bagulho é brincadeira. Por eu trabalhar de casa e tal, acha que eu não tô fazendo nada, mas essa é a dificuldade também. O pessoal das antigas tem essa concepção de trabalho, de levantar cedo e trabalhar lá no centro e tal e eu tô fazendo meu dinheiro aqui dentro de casa e saio pra gravar, não tem horário, às vezes até de noite e eu tô trabalhando. Então tem essa concepção meio atrasada, né? E a referência pros meus amigos são essas, mano. Porque depois da Vórtice tudo mudou acho na quebrada assim porque... em questão dos caras lançar trampo. Ninguém lança mais álbum por lançar, uma foto só. Sempre tão dando uma atenção a mais hoje em dia.

Fernando CPDOC Guaianás: E suas produções, as produções da Vórtice? O coletivo já participou de editais, prêmios, é marcas assim? Como vocês passaram por esses processos?

Renata CPDOC Guaianás: E outras parcerias, assim, que deram suporte pra vocês, né? O que vocês tiveram como apoio, como recurso?

Vitor Fenich: Então, a gente recentemente, em tempo de pandemia, participou de um edital. Foi o “Curta em Casa”. Devido à impossibilidade de tá saindo pra gravar e por conta da quarentena e tal, a gente decidiu fazer um videoclipe animado. Eu já desenhava, mas nunca tinha colocado em ação essa ideia. Aí eu fui, tem um som do meu amigo, que eu curto pra caramba, escrevi o projeto e fui contemplado lá e fiz mano. Um videoclipe totalmente animado, desenhado à mão e tal. A gente fez o videoclipe todo como se fosse um desenho e foi o que salvou na quarentena, porque tipo, você não pode sair pra gravar, então esse foi o maior suporte que teve. A gente ganhou um dinheiro, deu pra comprar equipamento novo, um estabilizador que a gente tava querendo de mó tempo e foi isso que salvou. De parceria, tem que agradecer bastante o Talles, que fortaleceu na câmera por bastante tempo, uma TCzinha dele, emprestava pra nós direto. Essa foi a maior parceria que a gente teve, tipo, a Vórtice é bastante parceria também com os cantores. A gente já é amigo dos clientes mesmo, então os caras tão sempre ajudando, nós ta sempre ajudando eles, eles sempre ajudando a gente também. Acho que é isso.

Renata CPDOC Guaianás: O Vitor é... em relação a esse momento do Covid, vocês, alguém sofreu com Covid? Como vocês tão encarando esse processo? Você falou que teve um processo de descontinuidade do trabalho que vocês vinham numa crescente. Como isso aconteceu com vocês, com você, se pesou e como vocês têm se virado nesse período?

Vitor Fenich: Então, foi difícil. Como te falei, a gente só tem um notebook, então para ele vir aqui em casa, e a gente fazer os trabalhos, a gente divide o mesmo computador. Aí minha vó é grupo de risco, então aí ele parou de vir aqui, o Gafã, então já não tinha como vir aqui no começo, tava bem pesado e tal e a gente descontinuou. Clipe a gente parou e aí, conseguiu, e aí surgiu uns Lyric vídeo, que é totalmente digital, on-line, então deu pra fazer uns trabalhinhos assim, mas descontinuou total o trampo. Mas agora tamo voltando.

Renata CPDOC Guaianás: Em termos de história do grupo, vocês registram os grupos que estão aí, né? Como vocês tão contando ou pensando a história de vocês? Vocês acham importante a continuidade desse grupo, que ele tem grande relevância? E como vocês acham que deve ser preservado ao longo da história, ao longo do tempo?

Vitor Fenich: Ah, a gente num... grava bastante os outros, mas é difícil a gente gravar a gente mesmo. O que a gente faz, por exemplo, a gente tira foto de uma pá de pessoa, mas eu não tenho foto profissional assim, eu sou o cara dos bastidores né? Eu tô agora na frente das câmeras, tal, mas é bem novidade pra mim. Mas a maior relíquia nossa é essa daqui. Tenho as camisetas também e a gente guarda essas coisas com carinho. Quem sabe daqui uns anos aí a gente vai olhar ali e falar: “Carai! Lembra aquela época que a gente tava fudido, só com uma ideia na cabeça e tentando ver se ia dar certo e hoje em dia deu, né?”.

Fernando CPDOC Guaianás: Vocês pensam em projeção mesmo? Vocês pensam além? O que vocês querem construir com o coletivo, com mais pessoas, com o circuito...

Renata CPDOC Guaianás: Onde vocês querem chegar?

Vitor Fenich: A meta é ter nosso próprio local de trabalho, uma produtora mesmo, ter mais gente pra trabalhar com nós, porque a gente faz tudo, né? Desde o financeiro até a finalização é tudo que a gente faz é só nós dois, então a gente queria trazer mais gente, porque o budget é pequeno, a gente não tem como chamar tanta pessoa assim, mas esse é o objetivo. Agora o Marco envolvendo com nós também, não é oficialmente da Vórtice, mas fez uns trabalhos com nós. Ele é desenhista e tal. A meta é essa: a gente crescer com nossos clientes, também a maior meta é essa. Tipo a gente não fez trabalho com artista grande ainda, porque a gente prefere trabalhar com quem tá crescendo, com que tem potencial de futuramente a gente pode tá

trampando, quem sabe tá fazendo um trabalho, quem sabe na gringa? Quero crescer com meus amigos.

Renata CPDOC Guaianás: Tem algo que você queira falar que é importante? Algo que você pense “Ah, isso é importante!”?

Vitor Fenich: Ah eu queria falar isso, de que o audiovisual que me escolheu, é esse bagulho que eu vejo muitos amigos meus esperando algo cair do céu, tá ligado? Tipo acha que cê vai gostar cem por cento daquilo. Eu, hoje em dia, tem dias que desanimo, penso: “audiovisual não é pra mim”. Penso “não é pra mim”, mas foi de tanto eu fazer tantas coisas que uma hora eu achei o que eu gostava, fui fazendo mais e mais. Mas essa dúvida nunca vai sair, eu acho. Ninguém tem essa certeza que nasceu pra aquilo. Você fica meio que se perguntando se você tá na área certa mesmo e tal, mas é só focar e correr atrás que, se você gostar do que você tá fazendo, uma hora vira. Tipo “já tentei fazer uma pá de coisa mano, uma pá de coisa, uma pá de curso, sempre fui tentando, aí o audiovisual me escolheu”. É isso.